

## UMA EXPLORAÇÃO DA ACEITABILIDADE DE DIFERENTES COLOCAÇÕES PRONOMINAIS NO PORTUGUÊS DO BRASIL

DOI: 10.47677/gluks.v22i2.306

OLIVEIRA, Cândido Samuel Fonseca de <sup>12</sup>  
SÁ, Thaís Maíra Machado de <sup>3</sup>  
VIEGAS, Júlia Barbosa <sup>4</sup>  
MOURA, Augusto Brêtas de <sup>5</sup>  
GONÇALVES, Maria Clara de Oliveira <sup>6</sup>  
ARAÚJO, Erick Thiago Cardoso <sup>7</sup>

**RESUMO:** Neste artigo, analisamos o comportamento de adolescentes frente a diferentes colocações pronominais do português brasileiro (PB). Alguns estudos sugerem que os pronomes oblíquos átonos de terceira pessoa estão entrando em desuso no PB e tendem a ser adquiridos tardiamente via escolarização. Este estudo faz parte de um projeto que busca avaliar ferramentas pedagógicas digitais para o ensino de línguas. Assim, além de contribuir para a discussão sobre o processo de aquisição de pronomes, este trabalho também servirá de base para a testagem dessas ferramentas. Através de um julgamento de aceitabilidade, analisamos o desempenho de alunos do ensino técnico integrado ao médio em relação a três colocações pronominais do PB: pronome reto em posição de ênclise e pronome oblíquo em posição de próclise e de ênclise. Nossos resultados apontam que todas essas colocações pronominais apresentam alta aceitabilidade. No entanto, os pronomes oblíquos em próclise são os que apresentam a maior aceitabilidade e os pronomes retos os que apresentam a menor. Interpretamos esses dados como um reflexo de treinamento linguístico e de frequência de uso. Por fim, apontamos os próximos passos para a investigação sobre a aquisição desses pronomes e sobre o teste de ferramentas digitais para o ensino de línguas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Julgamento de Aceitabilidade, Pronomes Oblíquos de Terceira Pessoa, Português Brasileiro.

1 Os autores agradecem à FAPEMIG, ao CNPQ e ao CEFET-MG pelo apoio financeiro

2 Professor doutor do CEFET-MG Campus Contagem. E-mail: [coliveira@cefetmg.br](mailto:coliveira@cefetmg.br)

3 Doutora e Pós-doutoranda do Departamento de Neurociência da UFMG. E-mail: [thaismaira@gmail.com](mailto:thaismaira@gmail.com)

4 Aluna de Licenciatura em Inglês da UFMG e bolsista PIBIC/FAPEMIG no CEFET-MG Campus Contagem. E-mail: [julia.barbosaviegas@gmail.com](mailto:julia.barbosaviegas@gmail.com)

5 Aluno de Licenciatura em Inglês da UFMG e bolsista PICV no CEFET-MG Campus Contagem. E-mail: [augbrts@gmail.com](mailto:augbrts@gmail.com)

6 Aluna do Curso Técnico em Controle Ambiental e bolsista PIBIC-EM/CNPQ no CEFET-MG Campus Contagem. E-mail: [mariaclaraog@yahoo.com](mailto:mariaclaraog@yahoo.com)

7 Aluno do Curso Técnico em Controle Ambiental e bolsista PIBIC-JR/CEFET-MG no CEFET-MG Campus Contagem. E-mail: [erick.araujo.prof@gmail.com](mailto:erick.araujo.prof@gmail.com)

## **Introdução**

Uma crescente gama de evidências empíricas vêm demonstrando que diferentes experiências linguísticas naturalísticas ou controladas podem moldar o conhecimento linguísticos dos falantes (cf. ENKIN; FORSTER, 2014; SQUIRES, 2014; OLIVEIRA et al., 2017; FARMER et al., 2017; KAAAN et al., 2019; HOPP, 2020). Esses achados trazem não apenas evidências importantes para o entendimento da arquitetura da gramática mental, mas também sugestões não triviais para o ensino de línguas, sejam elas nativas ou adicionais. Mais especificamente, esses estudos sugerem que falantes podem ter seu custo de processamento reduzido em determinadas estruturas linguísticas após repetidas exposições a elas. Assim, parece plausível assumir que o contato com estruturas formais típicas da linguagem escrita durante o processo de escolarização influencia a representação dessas ao longo do tempo. Ademais, é possível considerar-se a hipótese de que ferramentas pedagógicas que têm por objetivo expor os falantes a determinadas estruturas de forma recorrente podem desempenhar um papel importante no processo de aprendizagem dessas mesmas estruturas.

Neste artigo descreveremos um estudo que compõe a identificação de estruturas que se mostram cognitivamente desafiadoras na aquisição do português brasileiro (PB) como L1. Mais especificamente, o estudo aqui apresentado teve por objetivo analisar quais colocações pronominais do PB geram maior dificuldade para estudantes brasileiros de nível médio. O contraste entre pronomes oblíquos (o/a) e pronomes retos (ele/ela) foi investigado por uma escolha que partiu dos próprios alunos envolvidos em uma pesquisa que visa testar a hipótese supracitada a partir de experimentos que testam os efeitos de aprendizagem gerados por treinamento linguístico, envolvendo grande exposição a estruturas que parecem causar algum tipo de dificuldade para os falantes.

A opcionalidade envolvendo o uso desses pronomes e suas possíveis colocações podem revelar o papel da escolarização na representação deles. Há, na literatura de descrição linguística, um amplo campo bibliográfico sobre os clíticos no PB estarem entrando em desuso (CYRINO, 1994; KATO; RAPOSO, 2005; KATO; CYRINO; CORRÊA, 2009; NUNES, 2015). Contudo, há poucos dados quantitativos sobre a aceitabilidade dessas estruturas, ou seja, se os falantes consideram os clíticos em suas diferentes colocações como ainda pertencente ao PB. Assim, faz-se necessária uma publicação dos dados aqui trazidos,

por abordarem o julgamento real de falantes sobre a estrutura a partir de uma perspectiva experimental. Por meio da técnica de julgamento de aceitabilidade, observamos o quão natural os falantes nativos em processo de escolarização percebem os usos do clítico em próclise (1), do clítico em ênclise (2) e do pronome reto em ênclise (3) na língua escrita.

1. Gabriel passou a roupa e **a** vestiu quente.
2. Gabriel passou a roupa e vestiu-**a** quente
3. Gabriel passou a roupa e vestiu **ela** quente.

A técnica de julgamento de aceitabilidade apresenta dados robustos de sua validade interna e externa, demonstrando-se um método eficaz para avaliar a naturalidade de construções em uma língua (SÁ et al., 2022). Por meio de uma escala Likert (LIKERT, 1932), os falantes nativos julgaram se as sentenças eram nada naturais (valor 1 na escala) ou completamente naturais (valor 7 na escala), permitindo observar se as formas pronominais e suas colocações podem ser consideradas ou não como estruturas ainda vistas como pertencentes à língua e se há diferenças significativas de aceitação entre as formas. Essa análise em L1 pode lançar luz sobre o processo de aquisição dos pronomes clíticos, trazer contribuições psicolinguísticas para o ensino de línguas e ainda servir de parâmetros para construção de outros experimentos linguísticos.

### **Pronomes clíticos acusativos de terceira pessoa no PB**

O pronome clítico acusativo de terceira pessoa (*a/o/as/os*), também conhecido como pronome oblíquo átono<sup>8</sup> pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), parece estar entrando em desuso no PB, o que se diferiria do português europeu (PE) (cf. CYRINO, 1994; KATO; RAPOSO, 2005; KATO; CYRINO; CORRÊA, 2009; NUNES, 2015). O não uso desse pronome é mais evidente nas modalidades oral do PB e, conseqüentemente, a sua aprendizagem é muito influenciada pela linguagem escrita. Segundo Nunes (2015), esses pronomes são adquiridos tardiamente via escolarização ou simplesmente não o são.

Enquanto Nunes (2015) apresenta dados introspectivos de sentenças que possuam o clítico de terceira pessoa, nosso trabalho buscou realizar uma análise empírica experimental para observar a aceitabilidade desses pronomes no PB. Apesar de um grande número de

<sup>8</sup> No presente estudo iremos utilizar as nomenclaturas pronomes oblíquos e pronomes clíticos sem distinção de significado.

trabalhos que apresentam a questão da limitação do uso do clítico na língua (cf. CORRÊA, 1991; NUNES, 2011; MACHADO-ROCHA, 2013), nosso trabalho, até o nosso entendimento, é o único que apresenta dados experimentais da compreensão de tal categoria gramatical em suas diferentes colocações por adolescentes em processo de escolarização. Tal abordagem se justifica quando pensamos na importância de dados quantitativos para a criação de teorias linguísticas (cf. SCHULTZE, 1996; GIBSON; FEDORENKO, 2010; GIBSON; PIANTADOSI; FEDORENKO, 2012) e na importância da avaliação de estruturas pelos falantes da língua para a criação de métodos de ensino e aprendizagem dessas estruturas (OLIVEIRA et al., 2020).

Oliveira e Machado-Rocha (2017) analisaram a diferença entre duas das três colocações pronominais que buscamos investigar. Os autores conduziram uma tarefa de julgamento de aceitabilidade para investigar o comportamento dos falantes nativos do PB com nível de escolaridade variando entre ensino técnico integrado ao médio e pós-graduação frente a pronomes oblíquos em posição de próclise e pronomes retos em posição de ênclise. Os resultados indicaram que não houve diferença significativa entre as duas estruturas e ambas apresentaram alto nível de aceitabilidade. Esses achados sugerem que, a partir do ensino médio, o pronome oblíquo de terceira pessoa em posição de próclise já faz parte do repertório linguístico dos falantes. Contudo, o pronome clítico em ênclise, que seria o menos utilizado em PB, não foi analisado.

No estudo ora descrito estendemos tal comparação. Também a partir de uma tarefa de julgamento de aceitabilidade, analisamos o comportamento de alunos do primeiro ano de ensino técnico integrado ao médio em relação a três estruturas do PB: I. pronome oblíquo em posição de próclise (1); pronome oblíquo em posição de ênclise (2) e pronome reto em posição de ênclise (3).

1. Gabriel passou a roupa e **a** vestiu quente.
2. Gabriel passou a roupa e vestiu-**a** quente
3. Gabriel passou a roupa e vestiu **ela** quente.

Conforme apontado por Casagrande (2006), a mudança de posição do pronome oblíquo foi uma das mudanças mais relevantes ao longo do tempo no PB. Estudos de Pagotto (1993) e Cyrino (1994, 1996) se aprofundam nessas mudanças de posição e afirmam que, em

PB atual, esses pronomes ocorrem de forma diferente daquela do português clássico (PC) e do português europeu (PE). Observamos tais diferenças no pronome oblíquo em próclise (1), que atualmente já seria uma estrutura mais frequente no PB coloquial atual e é agramatical no PE em início de orações, por exemplo.

Como Casagrande (2006) afirma, há no PB coloquial um engessamento dos pronomes oblíquos de terceira pessoa, que aparecem muito mais na posição de próclise, perdendo seu movimento a partir do século XX. Dessa forma, a ênclise vem sendo abandonada no uso dos pronomes oblíquos. Em paralelo, os pronomes retos ganharam espaço na função de objeto nessa variedade linguística. Acreditamos que uma avaliação experimental das três ocorrências do objeto direto é importante para um maior entendimento do fenômeno linguístico. A comparação dos julgamentos realizados por adolescentes auxiliará na compreensão de quais colocações pronominais causam mais estranhamento nessa população, o que contribui para a análise linguística do fenômeno.

Portanto, o presente estudo busca identificar quais colocações pronominais (ênclise ou próclise) causam maior dificuldade e/ou estranhamento entre alunos do ensino técnico integrado ao médio. Além disso, busca-se perceber se o pronome reto em ênclise seria de maior ou menor aceitabilidade do que o clítico em mesma posição. Baseados nas propostas teóricas e nas evidências empíricas apresentadas nesta seção, formulamos a hipótese de que as sentenças com pronome oblíquo em posição de ênclise apresentarão os menores índices de aceitabilidade pela população investigada.

## **Materiais e Métodos**

### *Participantes*

46 alunos do primeiro ano de ensino técnico integrado ao médio, com idade de 14 a 16 anos, responderam nosso experimento de julgamento de aceitabilidade. Antes de iniciar a tarefa, os estudantes maiores de 18 anos de idade assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), enquanto os menores assinaram um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e tiveram o TCLE assinado pelos pais<sup>9</sup>. Escolhemos esse público, pois há evidências de que, nessa fase da escolarização, os alunos ainda estão no processo de aprendizagem dos pronomes oblíquos de terceira pessoa. No corpus de Machado-Rocha

<sup>9</sup> Projeto aprovado pelo comitê de ética (CAAE: 46886921.8.0000.8507).

(2013), com falas espontâneas de alunos do ensino médio de Belo Horizonte, à guisa de ilustração, esses pronomes não apareceram em nenhum momento. O estudo de Corrêa (1991) demonstra que o clítico acusativo de terceira pessoa possui baixíssima frequência no discurso de estudantes universitários e é praticamente inexistente no discurso de pessoas analfabetas. Em relação à produção escrita, Nunes (2011) mostra que a frequência desses pronomes oblíquos é baixíssima entre crianças de nove a dez anos, mas é alta entre estudantes universitários. Segundo o autor, o uso dos pronomes oblíquos de terceira pessoa é resultado do processo de escolarização e seu uso se mostra limitado a gêneros formais e à linguagem escrita (NUNES, 2011, p. 14).

### **Materiais**

A tarefa de julgamento de aceitabilidade consiste em pedir que participantes ingênuos ao fenômeno linguístico investigado avaliem a estrutura de sentenças, criadas pelos pesquisadores, a partir de sua percepção sobre aquela sentença ser ou não aceitável na língua estudada (OLIVEIRA; SÁ, 2013; SÁ et al, 2022). Todas as sentenças-alvo foram controladas na sua elaboração. Optamos por regularizar na posição do sujeito um sintagma nominal (SN) composto por um substantivo próprio [+ animado], que era seguido de um sintagma verbal (SV) no pretérito perfeito, e um SN na posição de objeto, que era formado por um artigo definido e um substantivo [- animado]. O controle de animacidade do objeto, justifica-se pela tendência de se associar os pronomes retos (ele/ela) a antecedentes que seriam objetos animados, principalmente [+humanos], pois são frequentemente utilizados como agentes da oração na posição de sujeito (cf. HOPPER; THOMPSON, 1980; CYRINO, 2003). Assim, para que não haja uma variável confundidora nos dados e deixar tais pronomes em igualdade experimental com os clíticos, optou-se por utilizar-se somente objetos inanimados. A segunda parte das sentenças era introduzida pela conjunção "e" seguida do trecho alvo, no qual todos os SVs que acompanhavam os pronomes eram dissílabos e transitivos diretos. Por fim, o último segmento da sentença era um sintagma adverbial (SAdv), em sua maioria de tempo ou modo, ou um sintagma adjetival (SAdj), de forma que os trechos alvo (pronome+verbo ou verbo+pronome) não ficassem no final da sentença. O material utilizado para avaliação foi de noventa trios de sentenças, que foram divididos em três scripts por meio de um quadrado

latino<sup>10</sup>, cada um dos scripts era formado por dez sentenças em cada condição, trinta no total, mais sessenta sentenças distratoras (Tabela 01).

**Tabela 1** – Exemplo dos materiais construídos e sua distribuição

Sentença	Script em que a sentença aparecia	Condição
Maria pegou a bola e <i>lançou-a</i> longe.	01	oblíquo em ênclise
Maria pegou a bola e <i>lançou ela</i> longe.	02	reto em ênclise
Maria pegou a bola e <i>a</i> <i>lançou</i> longe.	03	oblíquo em próclise
Marcos tocou na rocha e <i>sentiu-a</i> fria.	02	oblíquo em ênclise
Marcos tocou na rocha e <i>sentiu ela</i> fria.	03	reto em ênclise
Marcos tocou na rocha e <i>a</i> <i>sentiu</i> fria.	01	oblíquo em próclise
Jair gosta de tocar guitarra.	01, 02 e 03	distratora

Os scripts foram programados na *Cognition*<sup>11</sup>, que é uma plataforma de edição on-line de códigos que utiliza o repositório jsPsych, uma estrutura JavaScript para criar experimentos comportamentais executados através de um navegador da web. A plataforma exhibe as sentenças aleatoriamente e registra as respostas dos participantes. Ademais, ela se destaca por sua facilidade de uso e compartilhamento<sup>12</sup>.

## Procedimentos

O uso dessa plataforma foi muito importante para a condução do experimento a distância, que foi uma imposição devido ao período de pandemia da COVID-19. O experimento foi realizado durante uma aula de redação e estudos linguísticos no período de ensino remoto emergencial. Os estudantes levaram cerca de 10 a 15 minutos para concluir a tarefa. Cada participante só acessava um dos três *scripts* e julgava a aceitabilidade de suas sentenças em uma escala Likert de 7 pontos, sendo 1 para totalmente inaceitável, e 7 para totalmente aceitável. Antes de iniciar, o experimento contava com uma fase de treinamento para certificar que os participantes compreenderam a tarefa. O experimento visava observar a aceitabilidade entre os pronomes retos (ele/ela) em ênclise e os pronomes oblíquos (o/a) em próclise e em ênclise. Nossa hipótese era que o pronome oblíquo em ênclise seria aquele que

10O quadrado latino é um delineamento experimental utilizado para a distribuição de itens experimentais entre scripts de forma que a distribuição das condições será igual para cada script, o que faz com que um sujeito tenha acesso a todas as condições e os itens não se repitam. Dessa forma, a taxa de erro que pode ser associada à tarefa diminui, dando mais credibilidade aos dados.

11Disponível em: <https://www.cognition.run>.

12Para uso em estudos similares, podemos disponibilizar os códigos utilizados em nosso experimento a quem interessar, basta entrar em contato por e-mail..

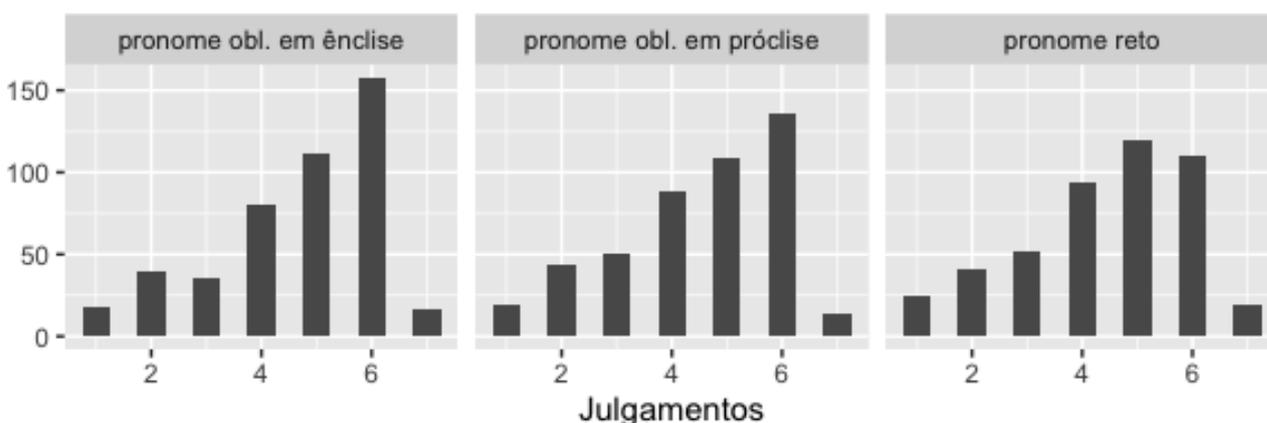
receberia as menores notas no julgamento de aceitabilidade dos alunos, por ser a estrutura menos frequente no PB dentre as investigadas.

### Resultado e Discussão

Como vimos anteriormente, há propostas teóricas que sugerem que os pronomes oblíquos de terceira pessoa são desenvolvidos tardiamente em um processo típico de aquisição do PB como língua nativa. O estudo de Oliveira e Machado-Rocha (2017) apresenta dados que sugerem que, a partir do ensino médio, os falantes já consideram os pronomes oblíquos em posição de próclise tão aceitáveis quanto os pronomes retos em posição de ênclise. Em nosso experimento, demos continuidade a essa investigação, analisando não apenas sentenças com as estruturas supracitadas, mas também sentenças com pronomes oblíquos em posição de ênclise.

A FIG. 1 ilustra a distribuição dos julgamentos de aceitabilidade em cada um dos pontos da escala Likert que utilizamos. Como podemos observar no gráfico, no eixo X, temos as notas e, no eixo y, a sua ocorrência. Todas as notas foram utilizadas para julgar a aceitabilidade das três colocações pronominais sob escrutínio e os participantes aparentemente evitaram utilizar os pontos mais extremos da escala, i.e., 1 e 7. As diferenças mais notáveis parecem ser a menor quantidade de notas 6 para o pronome reto em comparação com a nota 5 e a menor atribuição de nota 3 em relação a nota 2 para pronomes oblíquos em ênclise. De modo geral, os gráficos sugerem que todas as colocações pronominais foram avaliadas como bem aceitas em PB.

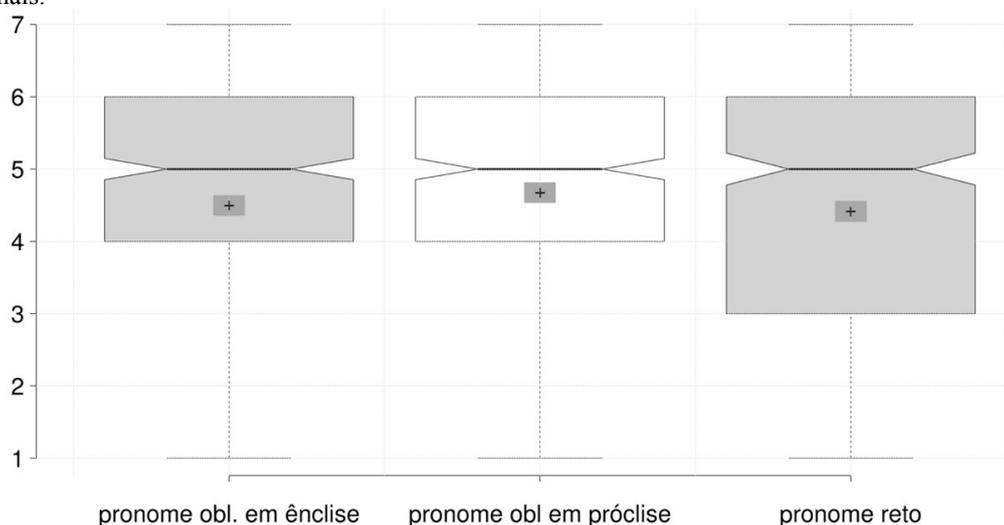
**Figura 1** – Distribuição dos julgamentos de aceitabilidade atribuídos para cada colocação pronominal



Fonte: Elaboração própria.

Prosseguimos para uma análise estatística descritiva com dois diagramas de caixa (*boxplot*). As cruzeiras pretas mostram a média dos julgamentos, os quadrados ao redor das cruzeiras indicam o intervalo de confiança de 95% da média e os entalhes representam o intervalo de confiança de 95% das medianas. Os bigodes (ou *whiskers*) indicam o ponto mais baixo e o mais alto dentro da amplitude interquartil de 1,5 do menor e do maior quartil respectivamente. No primeiro diagrama (FIG.2) é possível notar a tendência de alta aceitabilidade dos julgamentos emitidos pelos participantes para todas as colocações pronominais com uma diferença muito sutil entre os pronomes oblíquos. Os julgamentos para o pronome reto chamam atenção por terem ficado mais distribuídos que os demais com o seu quartil inferior abrangendo a nota 3. A diferença entre as médias do grupo com pronome oblíquo em próclise e o grupo pronome reto é muito similar àquela encontrada por Oliveira e Machado-Rocha (2017). Em nosso estudo as médias foram respectivamente 4,67 e 4,41, enquanto no estudo citado as médias foram 4,57 e 4,38.

**Figura 2** – Diagramas de caixa dos julgamentos de aceitabilidade atribuídas a cada uma das colocações pronominais.

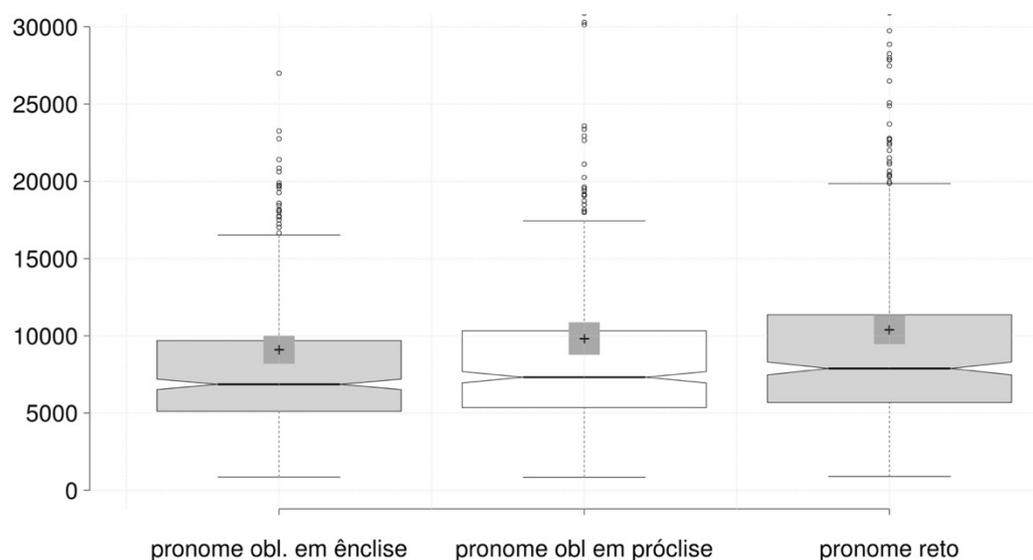


Fonte: Elaboração própria.

Apesar de não ser a principal métrica para análises de julgamento de aceitabilidade, analisamos descritivamente, no segundo diagrama, os tempos de reação dos participantes para julgar cada uma das estruturas-alvo do nosso estudo. Como podemos perceber, na FIG. 03, o não uso de um teto temporal resultou em um número considerável de valores atípicos (*outliers*), representados pelos pontos acima do bigode. Os tempos de reação ficaram

concentrados entre 5000 e 12000 milissegundos. Esses dados sugerem que o comportamento dos participantes foi similar para julgar os três tipos de estruturas sob escrutínio no presente trabalho.

**Figura 3** – Diagramas de caixa dos tempos de reação para emitir os julgamentos de aceitabilidade a cada uma das colocações pronominais.



Fonte: Elaboração própria.

Para analisar nossos dados, ajustamos um modelo misto de regressão logística ordinal com a função *Cumulative Link Mixed Models (CLMM)* do pacote *Ordinal* do software estatístico R<sup>13</sup>. Para isso, utilizamos o pacote *Ordinal* (CHRISTENSEN, 2019) na versão 2019.12–10 disponível no R versão 4.1.0 (R CORE TEAM 2021). Conforme apontado, esse método de regressão é uma extensão dos modelos lineares para dados ordinais e, apesar de ser um modelo paramétrico, não assume uma distribuição normal para a variável resposta (ENDRESEN; JANDA, 2017). A análise começou com os efeitos fixos (com codificação *dummy*) das três colocações pronominais e interceptos aleatórios para participantes e itens. O pronome oblíquo em próclise foi utilizado como o nível de referência. A TAB.2 apresenta os coeficientes dos nossos resultados.

13 Para mais informações sobre o pacote *Ordinal*, consultar <https://cran.r-project.org/web/packages/ordinal/index.html> (acesso em: 24 de agosto de 2022). Para mais informações sobre sua função *CLMM*, consultar: <https://www.rdocumentation.org/packages/ordinal/versions/2019.12-10/topics/clmm> (acesso em: 24 de agosto de 2022).

**Tabela 2** – Coeficientes de limiares do modelo<sup>14</sup>.

<i>Preditores</i>	<i>Razão de Chances</i>	Julgamentos	
		<i>IC</i>	<i>p</i>
1 2	0,02	0,01 – 0,04	<b>&lt;0,001</b>
2 3	0,09	0,05 – 0,14	<b>&lt;0,001</b>
3 4	0,19	0,12 – 0,30	<b>&lt;0,001</b>
4 5	0,56	0,36 – 0,88	<b>0,012</b>
5 6	2,03	1,30 – 3,17	<b>0,002</b>
6 7	35,70	21,26 – 59,95	<b>&lt;0,001</b>
Pronome [oblíquo em ênclise]	0,74	0,59 – 0,94	<b>0,012</b>
Pronome [reto em ênclise]	0,69	0,54 – 0,87	<b>0,002</b>
<b>Efeitos Aleatórios</b>			
$\sigma^2$	3,29		
$\tau_{00}$ participante	1,23		
$\tau_{00}$ sentença	0,09		
ICC	0,29		
N participante	31		
N sentença	30		
Observações	1380		
Marginal R <sup>2</sup> / Condicional R <sup>2</sup>	0,006 / 0,291		

Nossos resultados indicam que as diferenças entre os pronomes foram significativas. Os pronomes retos se mostraram significativamente menos aceitos ( $\beta=-0,34$ ,  $p<0,01$ ) do que os pronomes oblíquos em próclise; e os pronomes oblíquos em ênclise foram menos aceitos ( $\beta=-0,23$ ,  $p<0,05$ ) do que os oblíquos em próclise. Diferente do que presumimos, os resultados sugerem que a população estudada está em uma fase do desenvolvimento do conhecimento sobre colocações pronominais, ou já tem tal conhecimento, em que os pronomes oblíquos já são percebidos como mais aceitáveis do que os pronomes retos para a função de objeto direto. Acreditamos que tal resultado seja um reflexo do treinamento escolar, que visa o uso da forma oblíqua como norma da língua escrita. Contudo, somente um estudo experimental longitudinal pode apresentar dados sobre qual etapa da aquisição do PB há uma inversão entre clíticos ou se realmente há tal inversão.

Em consonância com nossa hipótese, a aceitabilidade do pronome oblíquo em ênclise foi significativamente menor do que a aceitabilidade do pronome oblíquo em próclise. Como

<sup>14</sup> Para entender os resultados de uma tabela oriunda de uma análise de modelo misto, recomendamos a leitura de Godoy (2019). A inclusão de todos os números e símbolos é necessária para que quem queira replicar o experimento, ou avaliar seu resultado estatisticamente, tenha acesso integral à análise de dados.

apresentado em nossa hipótese, acreditamos que essa diferença seja reflexo da menor frequência dos pronomes clíticos em ênclise no PB.

Nossos achados diferem sutilmente daqueles de Oliveira e Machado-Rocha (2017). Apesar de as médias para os pronomes clíticos em próclise e para os pronomes retos em ênclise terem sido parecidas, a maior aceitabilidade do primeiro grupo em relação ao segundo foi significativa apenas em nosso estudo. Acreditamos que essa diferença pode estar relacionada com a diferença nos testes estáticos implementados. Enquanto em nosso estudo utilizamos um modelo que leva em consideração a variabilidade de itens e participantes, no estudo de Oliveira e Machado-Rocha (2017), as análises por itens e por participantes foram feitas separadamente e em algumas comparações por itens as diferenças também foram de fato significativas. Dessa forma, consideramos que nossa análise complementa o estudo anterior, mostrando que (i) todas as colocações pronominais investigadas possuem bom nível de aceitabilidade por estudantes do ensino técnico integrado ao médio, (ii) os clíticos em próclise são aqueles com maior índice de aceitabilidade e (iii) os pronomes retos em ênclise são aqueles com menor índice de aceitabilidade.

### **Conclusão**

Este trabalho se propôs a observar as avaliações de alunos de ensino técnico integrado ao médio dos pronomes reto em posição de ênclise e pronomes oblíquos em posição de ênclise e próclise. Nossos achados serão utilizados como base da segunda fase dessa pesquisa que busca avaliar uma técnica pedagógica que visa familiarizar os estudantes com estruturas que se mostram desafiadoras no desenvolvimento da língua materna a partir de uma intensa exposição a estrutura em uma tarefa, no qual os participantes precisam montar frases – a tarefa labirinto (OLIVEIRA et al., 2020). Neste trabalho encontramos resultados que demonstram que os pronomes oblíquos em ênclise são significativamente menos aceitos que os pronomes oblíquos em próclise. Avaliaremos se a intervenção pedagógica é capaz de mitigar ou até mesmo inverter essa diferença de aceitabilidade. Tais resultados lançarão luz sobre a possibilidade de conhecimento linguístico ser alterado a partir de tarefas controladas baseadas em alta exposição das estruturas a serem aprendidas.

Além de servir de parâmetro para a sequência dessa pesquisa, nossos dados também trazem sugestões importantes para a construção de itens experimentais em pesquisas. Pronomes são itens frequentes no PB e eventualmente estarão presentes em itens experimentais em pesquisas linguísticas. Para evitar que a percepção da colocação pronominal interfira no comportamento dos falantes frente a diferentes estruturas, sugerimos que o pronome oblíquo em posição de próclise seja utilizado na construção de itens experimentais de tarefas de leitura, já que essa é a colocação pronominal que mostrou ter o maior índice de aceitabilidade. Naturalmente essa é uma sugestão de caráter geral cuja aplicabilidade precisa ser avaliada de acordo com o objetivo e a metodologia de cada estudo.

Os achados da nossa tarefa de julgamento de aceitabilidade também trazem contribuições para o entendimento sobre o processo de aquisição de pronomes oblíquos. Os dados revelam que alunos de nível técnico integrado ao médio da região metropolitana de Belo Horizonte já percebem os pronomes oblíquos como mais aceitáveis do que os pronomes retos. Estudos anteriores (OLIVEIRA; MACHADO-ROCHA, 2017) mostram que essa percepção tende a permanecer até níveis mais altos de escolaridade. Assim, um próximo passo dessa investigação deve ser a análise do comportamento de participantes com menor nível de escolaridade, para que seja entendido quando essa tendência perceptual se inicia. Ademais, é recomendado que as próximas pesquisas também investiguem como hábitos de leitura e variáveis socioeconômicas podem influenciar a percepção dos pronomes clíticos. Finalmente, nossa pesquisa se limitou a investigar a percepção dos participantes e, assim, dados de processamento e produção linguística serão uma complementação muito relevante para a investigação do processo de aquisição de colocações pronominais no PB.

## Referências

CASAGRANDE, S. A aquisição de clíticos acusativos e o objeto nulo no PB. *Revista Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 341-370, 2006.

CORRÊA, V. *O objeto direto nulo no português do Brasil*. 1991. 90f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1991.

CHRISTENSEN, R. Ordinal - Regression Models for Ordinal Data. R package version 2019.12-10. 2019. Disponível em: <https://CRAN.R-project.org/package=ordinal/>. Acesso em:

15 de junho de 2022.

CYRINO, S. *O objeto nulo no Português do Brasil: um estudo sintático diacrônico*. 1994. Tese (Doutorado em Linguística) – UNICAMP, Campinas, 1994 (publicada em 1997 pela Ed. da UEL).

CYRINO, S. Observações sobre a mudança diacrônica no Português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: KATO, M. A.; ROBERTS, I. (org.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, 1996. p.163-185.

CYRINO, S. Para a história do Português Brasileiro: a presença do objeto nulo e a ausência dos clíticos. *Letras de hoje*. Porto Alegre. v. 38. p. 31-47, 2003.

ENDRESEN, A.; JANDA, L. Five statistical models for Likert-type experimental data on acceptability judgments. *Journal of Research Design and Statistics in Linguistics and Communication Science*. Norway, v. 3, n. 2, p. 217-250, 2017.

ENKIN, E.; FORSTER, K. The Maze Task: Examining the Training Effect of Using a Psycholinguistic Experimental Technique for Second Language Learning. *Journal of Linguistics and Language Teaching*, v. 5, n. 2, p. 161-180, 2014.

FARMER, T.; FINA, A.; MISYAK, J.; CHRISTIANSEN, M. Reading span task performance, linguistic experience, and the processing of unexpected syntactic events. *The Quarterly Journal of Experimental Psychology*, v. 70, p. 413-433, 2017.

GIBSON, E.; FEDORENKO, E. Weak quantitative standards in linguistics research. *Trends in Cognitive Sciences*. v. 14, n. 6, p. 233–234, 2010.

GIBSON, E.; PIANTADOSI, S. T.; FEDORENKO, E. Quantitative methods in syntax/semantics research: A response to Sprouse and Almeida (2012). *Language and Cognitive Processes*. v. 28, n. 3, p. 1-12, 2012.

GODOY, M. Introdução aos modelos lineares mistos para os estudos da linguagem. PsyArXiv. <https://doi.org/10.17605/OSF.IO/9T8UR>. Disponível em: <https://mahayana.me/mlm/>. Acesso em: 24 de agosto de 2022.

HOPP, H. Morphosyntactic adaptation in adult L2 processing: Exposure and the processing of case and tense violations. *Applied Psycholinguistics*, v. 41, n. 3, p. 627-656, 2020.

KAAN, E.; FUTCH, C.; FUERTES, R.; MUJICINOVIC, S.; FUENTE, E. (2019). Adaptation to syntactic structures in native and nonnative sentence comprehension. *Applied Psycholinguistics*, v. 40, p. 3-27, 2019.

KATO, M.; CYRINO, S.; CORRÊA, V. “Brazilian Portuguese and the recovery of lost clitics through schooling”. In: PIRES, A.; ROTHMAN, J. (org.) *Minimalist inquiries into child and adult language acquisition: case studies across Portuguese*. Berlin/New York: Mouton De Gruyter, 2009.

KATO, M.; RAPOSO, E. “Obje(c)tos e artigos nulos: similaridades e diferenças entre o português europeu e o português brasileiro”. In: MOURA, D. (org.): *Reflexões sobre a sintaxe do português*. Maceió: Edufal, 2005.

LIKERT, R. A technique for the measurements of attitudes. *Archives of psychology*. v. 140, n.22, p. 5-55, 1932

MACHADO-ROCHA. Fala espontânea – estudantes do Ensino Médio de Belo Horizonte. Corpus inédito, 2013.

NUNES, J. On the diachronic reanalysis of null subjects and null objects in Brazilian Portuguese: triggers and consequences. In: RINKE, E; KUPISCH, T (eds.). *The development of grammar: language acquisition and diachronic change - In honor of Jürgen M. Meisel*. John Benjamins: Amsterdam/ Philadelphia. 2011.

NUNES, J. De clítico à concordância: o caso dos acusativos de terceira pessoa em português brasileiro. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, v. 57, n. 1, p. 61-84, 2015.

OLIVEIRA, C.; COSTA, E.; CANABRAVA, K.; BARROS, N. Examining the use of an online version of the maze task as a pedagogical tool for second language learning. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*. v. 24, n. 1, p. 361-388, 2020.

OLIVEIRA, C.; SOUZA, R.; OLIVEIRA, F. Bilingualism effects on L1 representation and processing of argument structure. *Journal of the European Second Language Association*, v. 1, n. 1, p. 23-37, 2017.

OLIVEIRA C.; MACHADO-ROCHA, R. The acceptability of clitic and tonic accusative 3<sup>rd</sup> person pronouns in written Brazilian Portuguese. *Revista Diadorim: revista de estudos linguísticos e literários*. v. 19, edição especial, p. 197-218, 2017.

OLIVEIRA, C.; SÁ, T. Métodos off-line em psicolinguística: julgamento de aceitabilidade. *Revele: Revista Virtual dos Estudantes de Letras*. Minas Gerais, v. 5, p. 77-96, 2013.

PAGOTTO, E. G. Clíticos, mudança e seleção natural. In: KATO, M.; ROBERTS, I. (org.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp. 1993. p.185-206.

R Core Team. ‘R’: A Language and Environment for Statistical Computing. Vienna, Austria. 2021. Disponível em: <https://www.r-project.org> . Acesso em 15 de junho de 2022.

SÁ, T.; CIRIACO, L.; GODOY, M. Julgamento de aceitabilidade: um método de fácil acesso a dados quantitativos. In: SÁ, T.; OLIVEIRA, C. *Métodos experimentais em psicolinguística*. 1ed. São Paulo: Pá de Palavra. 2022. p. 27-39.

SCHULTZE, C. *The empirical base of linguistics: Grammaticality judgments and linguistic methodology*. Chicago: University of Chicago Press, 1996.

SQUIRES, L. Social differences in the processing of grammatical variation. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, v. 20, n. 2, p. 178-188, 2014.

THOMPSON, S. A; HOPPER, P. J. Transitivity, clause structure, and argument structure: Evidence from conversation. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. (eds). *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.

## **AN EXPLORATION OF THE ACCEPTABILITY OF DIFFERENT PRONOMINAL PLACEMENTS IN BRAZILIAN PORTUGUESE.**

**ABSTRACT:** In this paper, we analyze the behavior of teenagers concerning different pronominal placements in Brazilian Portuguese (BP). Some studies suggest that third-person unstressed oblique pronouns are falling into disuse in BP and tend to be later acquired through schooling. This study is part of a project that evaluates digital pedagogical tools for language teaching. In addition to contributing to the discussion on the pronoun acquisition process, this paper will also serve as a basis for testing such tools. Through an acceptability judgment task, we analyzed the performance of students from an integrated education school, which articulates vocational with secondary education, in relation to three pronominal placements in BP: subject pronoun in enclitic position and object pronoun in proclitic and enclitic position. Our results show that all these pronoun collocations have high acceptability. However, the object pronouns in proclitic position are the ones that present the highest acceptability ratings and the subject pronouns the ones that present the lowest. We interpret these results as a reflection of linguistic training and frequency of use. Finally, we present the next steps for the investigation about the acquisition of these pronouns and for testing digital tools for language teaching.

**KEYWORDS:** Acceptability Judgment Task, Third Person Object Pronouns, Brazilian Portuguese.